TRIGO

Trigo bom e barato

A safra brasileira chegou ao fim com a quantidade dentro do esperado e qualidade considerada, em geral, muito boa. Infelizmente, grandes produtores/exportadores mundiais também investiram em seus trigais, e o resultado são preços deprimidos internacionalmente.

A safra brasileira estava encerrando sua colheita em meados de dezembro, em uma conjuntura de grandes indefinições.

No mercado interno, as lavouras paranaenses, segundo estimativas do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura do Paraná, produziram 1,94 milhão de toneladas de trigo e cerca de 100 mil toneladas de triticale. Este último é um híbrido de trigo e centeio, mas o IBGE o computa como trigo em seus levantamentos. A área colhida foi de 1,05 milhão de hectares, no caso do trigo, e de 48 mil hectares, no do triticale.

Aproximadamente 75% da safra devem estar classificados como de qualidade superior e do tipo 1, com peso hectolítrico de 76 a 78. Só 1% da safra é de trigo germinado, que terá de ser vendido como triguilho.

Em termos de mercado, a situação permanece desfavorável aos agricultores. Vigora o preço mínimo para o tipo superior (R$157/t), mas o produtor acaba recebendo, com os descontos, R$140/t. Calcula-se que apenas 34% da safra já estavam vendidos e há expectativa quanto aos leilões oficiais, iniciados há pouco. Em 7 de dezembro, foram vendidas em leilão 30 mil toneladas e, em 13 de dezembro, mais 30 mil toneladas.

O resultado disso tudo é um grande desestímulo. A Secretaria da Agricultura acredita que a área de plantio deverá voltar, na próxima safra, aos 579 mil hectares para o trigo e 49 mil hectares para o triticale, repetindo-se o movimento pendular velho conhecido dos triticultores. Aliás, segundo técnicos do setor, a área só não cai a zero porque, de fato, não existe alternativa viável para o trigo no inverno. Com a retração esperada, deverá ampliar-se a safrinha de milho.

No Rio Grande do Sul, que terminaria sua colheita até o final de dezembro (tem obtido produto majoritariamente de classe superior, tipo 2), também se apresenta, de acordo com análise do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPTrigo), da Embrapa, a mesma tendência de redução da área. Estima-se que os leilões governamentais terão grande influência, mas continuará a preocupação quanto ao futuro da atividade, por não se saber se o governo federal quererá bancar a lavoura, mais uma vez, em 1997.

É interessante observar que algo entre 30 e 50% das culturas gaúchas de verão estão empregando o plantio direto. Na triticultura, este ano foi usada tecnologia superior à do ano passado, lamentando-se nas zonas de produção o desenvolvimento posterior do mercado. Em média, o desempenho no campo poderia ser bem melhor, pois hoje existem alguns nichos de alta tecnologia disseminados, que puxam para cima a média estadual de rendimento físico. Tamanho desestímulo faz prever, obviamente, importações maiores em 1998.

Tendências do mercado

Em 1997, a situação do mercado tende a ser semelhante à dos últimos meses, com acentuada instabilidade, derivada da configuração *climática* do mercado. Em dezembro, a Bolsa de Chicago apresentou repentinos avanços e recuos, em função de divulgações de relatórios sobre o clima em várias áreas do mundo. Clima desfavorável às plantações dos EUA e da Argentina e movimento de maiores exportações deram o tom, em linhas gerais.

Na Argentina, o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) calcula a safra em 15,5 milhões de toneladas, mas há estimativas que oscilam de 14 a 17 milhões de toneladas, a maior safra em muitos anos (ver *Agroanalysis*, v. 16, n. 10, out. 1996).

Ocorre, porém, que fortes chuvas têm prejudicado a colheita. Ao sul de Buenos Aires, verificaram-se danos elevados nas lavouras, espalhadas por cerca de 200 mil hectares. O Ministério da Agricultura local supõe perdas de até 1 milhão de toneladas, mas os produtores acreditam que este número foi superdimensionado para tentar influenciar uma alta na Bolsa de Chicago.

A esse respeito, o CNPTrigo atenta para o fato de que essa redução de quantidade poderá não ser compensada por maior produtividade das plantações, como esperam as autoridades argentinas. Com efeito, os agricultores daquele país, no afã de obterem bons ganhos com uma safra *cheia*, plantaram em áreas marginais, fora de sua região preferencial, o que seguramente trará problemas de qualidade. Como a colheita seguirá até fevereiro (em fins de dezembro, teriam colhido só a metade da safra), o desenvolvimento dos trigais argentinos continuará afetando as cotações internacionais por algum tempo.

Outros países importantes produtores/exportadores, como a Austrália, também arriscaram expansão da triticultura. Os australianos colherão sua segunda maior safra (21,3 milhões de toneladas), ajudando a rebaixar os preços mundiais.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA